

Incertezas do/no Estágio: Conversas de um Jovem Estagiário com o Velho Paulo Freire

Edna Guiomar Salgado Oliveira* & André Vilela da Silva*

* Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG)

Detalhes Editoriais

Sistema double-blind review

Histórico do Artigo

Submetido: 19 de jul. de 2023

Revisado: 31 de out. de 2023

Aceito: 15 de dez. de 2023

Disponível online: 28 de dez. de 2023

Artigo ID: #363

Editor Gerente:

Prof. Gustavo Henrique Silva de Souza
Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, IFNMG

Editor Adjunto:

Prof. Nilton Cesar Lima
Universidade Federal de Uberlândia, UFU

Organizadores - Dossiê Paulo Freire:

Prof. Admilson Eustáquio Prates
Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, IFNMG

Prof. Leonardo Augusto Couto Finelli
Universidade Estadual de Montes Claros, UNIMONTES

Prof. Bergston Luan Santos
Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, IFNMG

Revisão e Diagramação:

Suzane Fátima Ribeiro Santos
Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, IFNMG

Como citar:

OLIVEIRA, E. G. S.; SILVA, A. V. da. Incertezas do/no estágio: conversas de um jovem estagiário com o velho Paulo Freire. *Revista Multifaces*, v. 5, n. 2, Dossiê Temático Paulo Freire, p. 103-108, 2023.

DOI:

<https://doi.org/10.29327/2169333.5.2-15>

*Autor de contato:

Edna Guiomar Salgado Oliveira
edna.oliveira@ifnmg.edu.br

Resumo

O relato traz a experiência de vivência de estágio supervisionado no curso de Pedagogia de uma instituição pública de Minas Gerais na etapa do ensino fundamental I, anos iniciais. O objetivo é de trazer reflexões a partir da fundamentação de leituras do velho e experiente Paulo Freire que, ora conforta e direciona, ora denuncia e anuncia, mas, sobretudo, que faz pensar e fazer o estágio como processo multifacetado, desafiador, contraditório, mas transformador do ponto de vista formativo.

Palavras-chave: Estágio. Paulo Freire. Pedagogia. Contradições.

Incertidumbres de/en las pasantías: conversaciones de un joven pasante con el viejo Paulo Freire

Resumen

El informe trae la experiencia de vivir una pasantía supervisada en el curso de Pedagogía de una institución pública en Minas Gerais en la etapa I de la escuela primaria, años iniciales. El objetivo es traer reflexiones a partir de la base de lecturas del viejo y experimentado Paulo Freire que, por momentos consuela y dirige, por momentos denuncia y anuncia, pero, sobre todo, que hace pensar y hacer la pasantía como una experiencia multifacética, desafiante, proceso contradictorio, pero transformador desde un punto de vista formativo.

Palabras clave: Pasantía. Paulo Freire. Pedagogía. Contradicciones.

Introdução

O presente relato traz a experiência de estágio supervisionado em um curso de Pedagogia do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG), e tem como objetivo trazer reflexões a partir de diálogos de um jovem estagiário com o velho e conhecido Paulo Freire que provoca, conserta e desconserta, arruma e desarruma os pensamentos, ora conforta e direciona, ora denuncia e anuncia, mas, sobretudo, que faz pensar e fazer o estágio como processo multifacetado, desafiador, contraditório, mas transformador do ponto de vista formativo.

O curso de Pedagogia do IFNMG é dividido em quatro estágios supervisionados, os dois primeiros na etapa da Educação Infantil e Ensino Fundamental I, os dois últimos na Educação de Jovens e Adultos e Gestão escolar, percorrendo os dois últimos anos do curso e totalizando uma carga horária de 400 horas. Este relato de experiência é um recorte do estágio supervisionado dos anos iniciais do Ensino fundamental I.

O estágio é o momento decisivo para que acadêmicos das licenciaturas vivenciem a práxis, será também, o momento que terá de decidir se a sala de aula a partir da experiência obtida pelo estágio, será ou poderá ser o que deseja para sua vida profissional, uma experiência um pouco breve, para em seguida ter de tomar uma decisão tão complexa, assim mesmo, se optar por seguir a carreira. O estágio é o espaço onde poderá desenvolver sua identidade como professor e as mais variadas práticas que comporão sua vida na docência. Silva e Gaspar (2018), nos traz uma visão ampla sobre o estágio:

O estágio supervisionado é um espaço de aprendizagem da profissão docente e de construção da identidade profissional. Assim, ele é compreendido como campo de conhecimento e a ele deve ser atribuído um estatuto epistemológico indissociável da prática, concebendo-o como práxis, o que o define como uma atitude investigativa que envolve a reflexão e a intervenção em questões educacionais (Silva; Gaspar, 2018, p. 1).

Todo processo que teremos que passar ao longo do curso para adquirir as ferramentas teóricas fundamentais da profissão docente até a chegada do estágio vai nos dando certa hipoteca, como uma rede que dá segurança ao equilibrista iniciante à profissão, para nos preparar na busca constante por possíveis soluções aos problemas diários de toda e qualquer profissão, todavia uma das mais complexas é ser e estar na docência. Contudo, não podemos deixar de pensar que devido a inexperiência em sala de aula como aprendiz de professor, no ato de aprender o ofício, grandes questionamentos acompanharão os estagiários, algumas dúvidas em relação ao desconhecido, as incertezas e os conflitos e tudo aquilo

que põe em xeque a confiança de qualquer acadêmico, estarão presentes durante estágio.

Reflexões: quando um jovem e um velho se encontram e o parceiro mais experiente estende os seus saberes ao jovem estagiário

Diante de tantas incertezas, o que fazer? Como orientar a nossa prática em relação ao desconhecido? Como não deixar que as nossas práticas tomem caráter de opinião pessoal ou personalista, ao invés da análise da práxis? Como não deixar que as expectativas se sobressaiam diante da realidade? Como impor autoridade sem ser autoritário? Como conseguir lidar com a quantidade de alunos que se deve ajudar ao mesmo tempo? E o fracasso - nosso - como lidar? Basicamente, na experiência de estágio, das tantas questões que presenciamos, essas foram algumas das indagações e incertezas.

Uma importante questão que o estagiário viverá, será em relação a autoridade diante dos alunos. No estágio é comum não saber como lidar com a indisciplina, se devemos ou não punir um aluno, se devemos ou não falar de forma mais grave e como proceder de forma mais enérgica quando a situação pedir. É comum à maioria dos acadêmicos do curso de Pedagogia trazer dois pensamentos, ambos equivocados, mas reais, o primeiro de que nunca devemos ser autoritários ou severos; o segundo que não há como fugir do autoritarismo, porém, os dois pensamentos e/ou ações trazem consequências práticas e revelam nossas fraquezas, medos e, também posicionamentos políticos, pedagógicos, educativos que reproduzem ou podem transformar.

Vejamos, o primeiro pensamento, manifesta o nosso medo de sermos severos demais e, assim, acabamos por ser silenciosos ou permissos demais, sem saber como agir num ambiente da qual as crianças sabem que somos os adultos daquele espaço, mas também sabem que não temos a mesma investidura da autoridade do professor regente. O segundo pensamento, também revela medo, pela falta de segurança e por acreditar que o modelo autoritário dá resultados, reproduzimos práticas dos quais fomos encarcerados durante 12 ou 13 anos, ou seja, toda a nossa trajetória escolar é marcada pela tendência cristalizada da escola tradicional que têm a rigidez, o silêncio e a subserviência como elementos básicos na formação do aluno e, que por mais que estudemos no curso de Pedagogia tendências pedagógicas mais transformadoras, ainda assim, o corpo domesticado, reproduz o que criticamos, agora com base fundamentada.

Começamos por relatar a vivência do estágio no chão da sala de aula, dentro de uma escola municipal

com crianças de 8 anos, no terceiro ano. No dia que aplicamos uma intervenção para identificar e ajudar os alunos na melhora da leitura e da escrita, não conseguimos exercer autoridade na sala sem atitudes autoritárias, daí, surge a dúvida: como não ser um professor autoritário e ao mesmo tempo conseguir algum respeito ou disciplina? Freire, então joga luz sobre a questão:

Ensinar exige segurança, competência profissional e generosidade. A segurança com que a autoridade docente se move implica uma outra, a que se funda na sua competência profissional. Nenhuma autoridade docente se exerce ausente desta competência. O professor que não leve a sério sua formação, que não estude, que não se esforce para estar à altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe. Isso significa, porém que a opção e a prática democrática do professor ou da professora sejam determinadas por sua competência científica. Há professores e professoras cientificamente preparados, mas autoritários a toda prova. O que quero dizer é que a incompetência profissional desqualifica a autoridade do professor (Freire, 1996, p. 36).

De fato, a competência profissional nos trará a firmeza necessária para não nos tomarmos licenciosos, mas sermos respeitados não mais pelo medo, mas pelo exercício da prática da liberdade. Pois Freire (1996) dirá que a liberdade e disciplina possuem uma relação de interdependência. Significa dizer que esses dois termos estão ligados por uma relação de vinculação recíproca. Assim como o conceito de disciplina é percebido de uma forma equivocada, a ideia de liberdade também é. Para muitos, liberdade é a ausência de controle, ao mesmo tempo temos ideia de que não queremos ser duros, chatos, antiquados ou de não querer desagradar, entretanto o limite dá segurança e entender que podemos exercitar a autoridade sem ser autoritário leva um tempo que o aprendiz de professor geralmente não sabe lidar, encontrar tal equilíbrio seja o desafio maior para o um jovem aprendiz de professor.

Libânio parece concordar com Freire nessa questão e vai dizer:

Uma das dificuldades mais comuns enfrentadas pelo professor é o que se costuma chamar de controle da disciplina, dizendo assim, dá a impressão de que existe uma chave milagrosa que o professor manipula para manter a disciplina. Não é assim. A disciplina da classe está diretamente ligada ao estilo da prática docente, ou seja, a autoridade profissional, moral e técnica do professor, no final quanto maior a autoridade do professor (no sentido que mencionamos) mais alunos darão valor às suas exigências. A autoridade profissional se manifesta no domínio da matéria que ensina e dos métodos e procedimentos do ensino, trata lidar com a classe com as diferenças individuais, a capacidade de controlar e avaliar o trabalho dos alunos e o trabalho do docente (Libânio, 1990, p. 252).

Neste sentido, o conhecimento dos conteúdos, a coerência epistemológica, a gestão do tempo se torna fundamentais para ganharmos a confiança e respeito necessário, entretanto isso não garante o sucesso pleno que desejamos, é uma construção diária, refletida, construída e árdua que o estágio possibilita conhecer.

No estágio, muitas situações se amontoam de maneira caótica e de tal forma que nem sempre podemos fazer uma associação a alguma questão teórica do problema no instante em que o problema ocorre, muitas vezes, só poderemos analisar a situação em outro momento, fora ou distanciado da situação ou fato ocorrido. Deste modo, nem sempre tomamos a melhor decisão no ato em que ocorre. Apesar da avalanche de acontecimentos que aparecerão no estágio tentamos associar teoria-prática, das que temos estudado durante a primeira parte do curso.

Todavia o que se pode perceber como estagiário é que sempre carregaremos a dúvida, se os conhecimentos que possuímos são suficientes para nos auxiliarmos – nunca se conhece o suficiente – porque mesmo ciente de possuir os conhecimentos teóricos da profissão, esses conhecimentos não foram por nós, antes, colocados em prática, não tendo vivenciado antes, o que coloca em dúvida nossa capacidade de saber como usá-los. O nervosismo turva um pouco a capacidade de análise, sabemos que a sala de aula é a mais pura realidade concreta, dinâmica e conflituosa.

Tão pouco a prescrição é capaz de lidar suficientemente com os problemas no ato em que surgem e de toda a realidade. Mas ingenuamente, esperamos que exista uma solução brilhante nas cartilhas, nos livros, nos conteúdos e que exista um método completamente eficaz para nos ajudar, é o que a inexperiência me pareceu produzir. Sempre que essas ideias persistirem, devemos nos voltar para o que os autores que estudamos escreveram sobre a questão, por exemplo, Vieira-Pinto (2008):

O debate persiste até hoje, agora com marcada preponderância dos defensores da educação “técnica”, educação para o mundo de amanhã, etc. Mostrar o vício de ingenuidade que afeta toda esta discussão: não existe a diferenciação em tela, quando se parte do conceito crítico unitário do “homem” e de sua realidade num mundo em processo de desenvolvimento, com o qual está indissoluvelmente ligado [...] é que em primeiro lugar, a educação, como temos mostrado, não devemos se reduzir a transmissão escolar dos conhecimentos. Em segundo lugar, o conteúdo da educação constituído somente pela matéria do ensino, por aquilo que se ensina, mas incorpora a totalidade das condições objetivas que concretamente pertencem ao ato educacional; assim, são parte do conteúdo da educação: o professor, o aluno, ambos com todas suas condições sociais e pessoais, as instalações da escola, os livros e materiais didáticos, as condições locais da escola, etc... Não aceitar este ponto de vista, é deliberadamente se colocar a margem

do mundo real e raciocinar sobre uma reduzida e arbitrária abstração (a matéria do ensino) (Vieira-Pinto, 2008, p. 38).

Claramente, não deveríamos fazer um uso dos conteúdos, livros, cartilhas ou métodos, sem que estejamos inseridos em uma realidade concreta, que nos forneça subsídios suficientes para entendermos em que contexto estamos, quais realidades lidamos e como poderemos agir nessas realidades junto de outros sujeitos. De certa forma, isso tranquiliza para o fato da inexperiência, todo sujeito é inexperiente diante do novo e, inevitavelmente temos que nos dirigir para esse novo para desenvolvermos experiência. É no devir, nesse fluir de coisas sempre novas, que adquiriremos alguma experiência. E na teoria, poderemos nos resguardar enquanto o estágio se desenvolve.

A teoria é o conhecimento, o saber ver, é cumulativo de experiências testadas, praticadas e vivenciadas. Libâneo (2010), por exemplo, nos dirá que,

Para que o processo educativo se efetive, são necessários uma teoria e um conjunto de objetivos e meios formativos, encaminhados a formação humana. Conforme a concepção histórico-social de educação, as atividades educativas ocorrem em condições históricas e sociais determinadas que estabelecem limites as possibilidades objetivas de humanização. Desse modo, as finalidades e meios da educação subordinam-se a estrutura e a dinâmica das relações entre classes e grupos sociais. A prática educativa encaminha-se, pois, objetivos distintos conforme o interesse experimentado pelos seus agentes sociais. A pedagogia assume, precisamente, essa tarefa de orientar prática educativa de modo consciente, intencional, sistemático para finalidades sociais e políticas cunhadas a partir dos interesses concretos no seio da práxis social, ou seja, de acordo com as exigências concretas postas a humanização num determinado contexto histórico social. Junto a isso formula e desenvolve condições metodológicas e organizativas para viabilizar a atividade educativa (Libâneo, 2010, p. 142).

Portanto, como Libâneo nos diz, esse objetivo que tentaremos colocar como chave na orientação teórica da nossa prática docente. O autor nos dirá também que o domínio da sala terá imediata relação com o domínio dos conteúdos, na educação e aplicação dos objetivos elaborados pelo professor. Essa intencionalidade ao ato educativo que estabeleceremos como direção a partir da realidade concreta, muitas vezes, acaba em seu contexto amplo, por aderirmos às expectativas do professor regente, devemos estar atentos para isso e por quê?

No estágio, por dirigir nossas práticas para intenções propostas pelo professor regente numa quase atração por orbitar o seu campo de gravitação, acabamos por orientar nossas ações, não pela práxis, mas pelas ações orientadas pelo professor regente, inevitavelmente nos agarrarmos a quem nos parecem conhecer mais sobre como determinado espaço funciona, sua posição de autoridade também leva a

subordinação, como então ser crítico e proceder diante dessas práticas que observamos pelas incertezas do estágio?

Novamente devemos nos agarrar aos autores que estudamos, é o único escudo para não sermos absorvidos pela dinâmica que nos arrasta sem podermos nos opor a ela, naturalmente sabemos que o nosso tempo é breve, cerca de 80 horas ou um mês de convivência o que nos possibilita uma visão parcial e pouco íntima com professores, escola, crianças, enfim parece paradoxal, é uma imersão muito rápida dada a quantidade e qualidade de situações vivenciadas e, ao mesmo tempo longa, dada as incertezas de se construir docente.

Entretanto, devemos nos ater para o que Freire nos diz sobre essas questões, tanto as relações aluno-professor, quantas relações de ensino-aprendizagem. Também as relações do professor regente, aquele que possui experiência, com o futuro professor, o estagiário, aquele que está aprendendo em sala, somos alunos e também aprendiz de professor. Há nessa relação uma troca de experiências, um tanto quanto tutelada, hierarquizada, ao estabelecermos uma relação com o professor regente não deveríamos nos abster de posicionamentos, afinal nossas reflexões, nossas colocações pedagógicas ainda que mínimas, podem ajudar a criar visões diferentes de mudança em que ambos são partes do processo e beneficiários, assim “É preciso, sobretudo, e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se com sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção (Freire, 1996, p. 12).

Não carecemos nos apegar demais ao preciosismo dos conteúdos, tão pouco uma prática irrefletida e reprodutora do professor regente, necessitamos fazer um juízo crítico de todas as vivências, para assim não nos tornarmos meros autômatos, que por ter tantas incertezas termina por se tornar um expectador-reprodutor da qual costumamos criticar em sala de aula, desta forma, como diz Freire:

É preciso que, pelo contrário, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado (Freire, 1996, p. 14).

Estar no estágio é experimentar esse misto de emoções, desafios, incertezas da qual mesmo com leituras, com fundamentação e suporte de discussão

com professor na instituição formadora, por mais que se faça, ainda parece pouco. Neste momento fica visível que o chão de sala de aula, o concreto com o mundo da escola, dos alunos, dos professores, pais, gestão se torna um bolo alimentar, deglutição, movimentos peristálticos que requer muita mastigação da realidade concreta, material e contraditória da qual fazemos parte. Freire diz que a formação docente e prática educativa crítica é ato de cozinhar, velejar, pois:

O ato de cozinhar, por exemplo, supõe alguns saberes concernentes ao uso do fogão, como acendê-lo, como equilibra para mais, para menos, a chama, como lidar com certos riscos mesmo remotos de incêndio, como harmonizar os diferentes temperos numa síntese gostosa e atraente. A prática de cozinhar vai preparando o novato, ratificando alguns daqueles saberes, retificando outros, e vai possibilitando que ele vire cozinheiro. A prática de velejar coloca a necessidade de saberes fundantes como o do domínio do barco, das partes que compõem e da função de cada uma delas, como o conhecimento dos ventos, de sua força, de sua direção, os ventos e as velas, a posição das velas, o papel do motor e da combinação entre motor e velas. Na prática de velejar se confirmam, se modificam ou se ampliam esses saberes. acomodado (Freire, 1996, p. 11).

Podemos arrematar pela fala de Freire que ensinar não é transferir conhecimentos, que não há docência sem o discente, que as duas se explicam em bifurcação e quem aprende ensina ao aprender, que ensinar inexistente sem aprender e vice-versa (Freire, 1996, p. 12-13) e que, ser docente é saber-se inacabado, ajustando velas, sabores, é estar disposto ao aprendizado constantemente e, assim, saber-se humilde.

Considerações Finais

Mesmo professor estagiário ou aprendiz de professor sendo inexperiente, pode e deve contribuir para uma formação conjunta com os alunos e professor regente, não é incomum os estagiários serem confundidos com alunos porque somos - no sentido que Freire nos coloca - como seres do aprendizado, seres da experiência, que a correlação de dialogicidade expressam toda nossa potencialidade e humanizamos uns aos outros, mas excepcionalmente somos confundidos como meros alunos, no sentido de que nós devemos ser sujeitos passivos da aprendizagem e devemos ser instruídos por não sermos experientes, nesse sentido o estágio forma com fôrma e acaba por se tornar um rito de passagem dentro do curso sem o seu sentido maior. Percebemos que se detivermos este tempo e espaço de estágio apenas como expectadores e não como autores ou coautores, o estágio servirá para a formação inicial, mas não atingirá a transformação necessária proposta pelo bom e velho Paulo Freire.

O estagiário impedido de manifestar-se - por várias razões - acaba por reproduzir as relações de poder que se espera dele. A questão do tempo dos estágios é muito breve, saímos com a impressão de que nada contribuímos e isso causa alguma angústia. Pode ser que, também, todas as inquietações aqui apontadas, tenha uma forte relação com nossas expectativas serem as mais altas no estágio e o limite que se impõe para além das condições materiais e das competências dadas ao estagiário é o limite do tempo.

Saimos marcados pelo choque do processo acelerado da instituição, pela rotina de projetos; pela ausência de projetos que auxiliem aos alunos com maior dificuldade; por desconhecer a realidade cultural do aluno; por vivenciar a precariedade das escolas e o abandono dos governantes com a educação.

Estar no estágio é viver esse misto de sentimentos que vai da indagação a impotência, mas também uma sensação paradoxal, antagônica, inquietante que é pensar e estar imerso em questões múltiplas como: currículos, práticas pedagógicas na prática, a psicologia da criança, políticas públicas, aspectos históricos, sociológicos, econômicos, questões etárias, de gênero. Ao final percebi que o estágio tem essa funcionalidade, causar desconforto, saber que a carreira docente é complexa, exige conhecimentos variados e não os ter, ao menos para um iniciante, causa muito medo e angústia. Como ser um bom professor diante de tantas coisas para se dominar? Como começar não imitando práticas?

Todas essas questões demandam tempo, tempo esse que não temos no estágio, entretanto o estágio fornece uma imensa gama de conhecimentos e de experiências que podem ser relatados e estudados em diversos campos e disciplinas, são os temas que poderíamos abordar por se constituírem o mundo particular da escola real. Enfim são muitas as áreas que compõem o campo da Pedagogia e muitos são os instrumentos para poder estudá-la, em todo caso não podemos desviar das principais questões que envolve os estágios e a relação objetiva entre teoria-prática e a identidade docente.

E “o que quero dizer é o seguinte: quanto mais criticamente se exerça a capacidade de aprender tanto mais se constrói e se desenvolve o que venho chamando “curiosidade epistemológica”, sem a qual não alcançamos o conhecimento cabal do objeto” (Freire, 1996, p. 13). O velho e experiente Freire me dá alento, não no sentido de encontrar uma única resposta, mas na busca dessa curiosidade epistemológica que se faz na e com a reflexão.

As indagações irão nos perseguir por todo o processo e é neste diálogo que vamos esmiuçando “a curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento,

como sinal de atenção que sugere e alerta faz parte integrante do fenômeno vital” (Freire, 1996, p.18). Estar no estágio é viver essa metamorfose ad aeternum, em que sabemos lagarta, desejamos ser borboletas, mas ainda somos crisálidas... entender cada fase é o que faz a beleza do processo.

Declaração de Conflito de Interesse

Os autores declaram não existir conflito de interesses.

Referências

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos para quê?** São Paulo: Cortez, 2010.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1990.
- VIEIRA-PINTO, Álvaro. **Sete lições sobre educação de adultos**. São Paulo: Cortez, 1982.
- SILVA, Haíla Ivanilda; GASPAR, Mônica. Estágio supervisionado a relação teoria e prática reflexiva na formação de professores do curso de licenciatura em Pedagogia. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. v. 99 n. 251, p. 205-221, jan./abr. 2018. DOI: <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.99i251.3093>

Autores(as)

Edna Guiomar Salgado Oliveira. *Graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual de Montes Claros (1999). Mestrado em Educação - Formação de Professores pela Universidade de Uberaba (2003). Doutorado em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (2010). Atualmente, professora efetiva do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais. Tem experiência na área de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: formação de professores; educação inclusiva; formação de professores; didática; e educação infantil.*

E-mail: edna.oliveira@ifnmg.edu.br

ORCID Id: <http://orcid.org/0000-0002-7310-2951>

André Vilela da Silva. *Graduando em Pedagogia pelo Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG) – Campus Salinas.*

E-mail: avds@aluno.ifnmg.edu.br

ORCID Id: Não possui